

A TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO

Entrevista

*Dom Luis Flávio Cappio**

1. Frei Luiz, em que estado se encontram os trabalhos para a transposição do rio São Francisco?

Hoje o Governo Federal está levando adiante o projeto de transposição. Quem encabeça os trabalhos é o Exército Brasileiro. Isto, por princípio, já é um erro, porque não é essa a função do Exército assumir serviços que vem beneficiar as elites econômicas em detrimento das populações mais carentes. No entanto, na semana passada, o atual ministro da integração nacional já mudou e postergou as datas da entrega das obras. Mais uma vez se confirma o que sempre afirmamos: é uma obra eminentemente eleitoreira e, em 2014, nas vésperas das próximas eleições, com certeza, os trabalhos vão surgir novamente com toda a força.

De qualquer forma, aqueles que acompanham os trabalhos da transposição sabem que os custos sociais são muito altos, porque muitas comunidades têm sido destruídas, áreas que antes eram habitadas pelo povo da região foram totalmente devastadas. As famílias que foram expulsas de suas áreas estão tendo muitas dificuldades em receber indenizações – muitas das quais são extremamente injustas - e isso comprova que esse projeto está a serviço do capital internacional. O objetivo da obra é a segurança hídrica para os grandes projetos agroindustriais, exatamente o

* Luis Flávio Cappio, nasceu em 4 de outubro (dia de São Francisco) de 1946 em Guaratinguetá, no Estado de São Paulo. De origem italiana, entrou na ordem dos frades franciscanos menores e foi ordenado padre em 1971. Desde 1974 vive no sertão nordestino. Em 1997 foi sagrado bispo da diocese de Barra (BA). Em 2008, obteve o Prêmio da Paz concedido pela Pax Christi Internacional, com sede em Bruxelas. Em 2009, recebeu o prêmio Kant de Cidadão do Mundo, da Fundação Kant, na cidade de Freiburg (Alemanha). Em 2005 e 2007, dom Cappio realizou duas greves de fome contra o projeto do governo brasileiro de transposição do Rio São Francisco. Barra/ - BA/Brasil.

contrário daquilo que a propaganda oficial diz, que é para levar água para o povo.

Enfim, os trabalhos continuam, mas a ritmo cada vez mais lento e na medida em que a obra avança vem se mostrando para que ela veio.

2. A propaganda oficial diz que o projeto da transposição vai beneficiar cerca de 12 milhões de nordestinos...

Esse é um dado que não mostra a verdade dos fatos. Entre esses 12 milhões estão incluídos as populações das capitais e das grandes cidades nordestinas que estão sendo muito bem abastecidas de água, com exceção de Campina Grande. Por exemplo, a disponibilidade hídrica (m³/ano) da grande Fortaleza é maior do que aquela da Grande São Paulo, graças aos serviços hídricos que foram feitos na cidade nordestina. Isso não significa que o Ceará tenha mais água do que São Paulo, mas que os serviços hídricos disponíveis garantem mais água para um morador de Fortaleza do que de São Paulo. Nas 12 milhões de pessoas da propaganda oficial estão incluídos os moradores de cidades já abastecidos de água.

O que precisa no nordeste brasileiro é a democratização, a distribuição da água. Nós temos no nordeste o maior número de açudes do mundo: são 70 mil açudes, sendo que o maior deles, o açude do Castanhão, é 13 vezes maior que a Baía de Guanabara. Temos água acumulada em grandíssima quantidade. Não nos falta água. Falta a democratização e distribuição d'água. Precisa que as águas dos açudes, dos rios São Francisco e Parnaíba, através de dutos, sejam levadas às comunidades que não são abastecidas. Já o projeto de transposição tem por finalidade a segurança hídrica para os grandes projetos agroindustriais, sendo que a distribuição seria por conta dos Estados e municípios que - nós sabemos - não têm condições econômicas para isso. Eu moro na beira do Rio São Francisco que passa pela cidade da Barra: se eu caminhar cerca de 300/500 metros por dentro da catanga o povo não tem água. Vivemos na beira do Rio, mas o povo não tem água. O verdadeiro problema é a distribuição.

3. Existem alternativas viáveis e ecologicamente sustentáveis à transposição?

Após a primeira greve de fome, em 2005, nós nos dispusemos a discutir e buscar alternativas para a transposição. Fizemos um acordo: eu representando a sociedade civil e o presidente Lula representando o governo. Assinamos o acordo de busca de alternativas ao projeto de

transposição para o abastecimento hídrico do semi-árido. Infelizmente o governo não atendeu aquilo que foi convencionado.

No entanto, no ínterim entre o primeiro e o segundo jejum, a ANA (Agência Nacional de Águas), que administra todos os recursos hídricos do Brasil, lançou o Atlas do Nordeste, ou seja, o conjunto de projetos que têm como finalidade levar a água para todas as comunidades com população acima de 5 mil habitantes. Ao mesmo tempo, a ASA (Articulação no Semi-Árido Brasileiro) elaborou projetos alternativos para comunidades abaixo de 5 mil habitantes. Ou seja, existem alternativas. O Governo Federal já tem um próprio projeto alternativo que nós apoiamos.

Só que o Governo tinha duas opções: ou o projeto da ANA, de abastecimento hídrico das comunidades difusas, ou o projeto de transposição que garante a disponibilidade hídrica para os grandes projetos agroindustriais. E graças ao lobby internacional, a favor da transformação da água a bem de capital, prevaleceram os interesses econômicos.

Mas há mais um problema: o projeto é anticonstitucional, porque a Constituição Cidadã de 1988 diz que os investimentos públicos sobre recursos hídricos devem ter como prioridade a dessedentação humana e animal. Alguém poderia dizer: mas o projeto de transposição não gera empregos? Sim, mas inverte as prioridades, pois coloca a água como mercadoria acima da água como bem humano de dessedentação humana e animal. Não é por acaso que as Ações que estão no Supremo Tribunal Federal contra a transposição até hoje não foram julgadas. Há uma forte pressão política para evitar o julgamento, pois o projeto é nitidamente anticonstitucional.

4. O debate sobre a questão da transposição é geralmente encabeçado por políticos, técnicos da área e militantes de grupos ecológicos. O senhor é bispo da igreja ICAR: como é que os povos ribeirinhos da sua diocese ou da região vêem a possibilidade da transposição?

Em modo geral, a sociedade civil é contrária à obra: as universidades, os movimentos sociais, as ONGs, as nações quilombolas e indígenas, enfim, o povo ribeirinho. Se o senhor percorrer a região do Rio São Francisco vai perceber a posição contrária das populações em relação ao projeto. No entanto, a propaganda a favor da transposição foi tão bem feita e tão deslavadamente mentirosa que se tornou simpática ao mostrar a cuia de água levada para quem tem sede. Por isso, podemos encontrar pessoas

a favor do projeto, mas, na medida em que a obra avança, o povo vai percebendo o porquê da obra estar sendo realizada e as consequências funestas em nível social, especialmente pelo deslocamento de milhares de pessoas que vivem na região, de nações indígenas, de grupos quilombolas, de moradores da região. A transposição corta regiões bastante habitadas e as pessoas vão ter que migrar porque o projeto não visa agregar a população local, mas os grandes projetos agroindustriais, principalmente na produção de grãos, da cana de açúcar irrigada para o etanol, da produção de frutas nobres para exportação. Então, não serão os povos da região, os convidados para se beneficiar do projeto, e sim essas empresas transnacionais. O mesmo vale para o projeto de Belo Monte que vai deslocar milhares de pessoas, sobretudo indígenas. Essas grandes obras têm um preço social e ecológico imensurável, às custas de um preço econômico muito grande. Por causa de um grande lobby internacional, essas grandes obras estão sendo levadas à frente, mas vão trazer consequências terríveis em nível social, econômico e ecológico.

5. Projetos como a transposição do Rio São Francisco ou Belo Monte, que envolvem tantas consequências sociais e ecológicas, deveriam ser amplamente debatidos em nível nacional. Houve debates?

Não houve. Quando, no meu encontro com o presidente Lula, ele me perguntou: “mas frei Luiz, por que o senhor não veio conversar comigo?”, eu disse a ele “Presidente eu vim”. Sobre na mesa dele havia um monte de documentos relativos à transposição. Eu disse: “pode olhar todos esses documentos que estão sobre a sua mesa: eu sou signatário de todos os documentos contrários à transposição”. A sociedade civil é contrária ao projeto, mas nunca fomos ouvidos. Esse projeto nunca foi debatido. Foi decidido a quatro paredes e imposto à população brasileira.

6. Há um evidente conflito entre os interesses dos povos ribeirinhos e o agronegócio...

É isso mesmo. O povo ribeirinho quer a água para as próprias necessidades: seja para a dessedentação humana e animal, seja para economia familiar, o que deveria ser a prioridade nos investimentos relativos a recursos hídricos. No entanto, o governo optou pelo investimento maciço em projetos do agronegócio.

Na realidade, esse conflito pode ser encontrado também em nível internacional. Por exemplo, quando fui na Alemanha estavam discutindo a porcentagem de etanol que deveria ser acrescentado à gasolina. Por um lado, eles, que são ecologicamente corretos, são contrários à transposição do rio São Francisco ou ao projeto de Belo Monte. Por outro lado, eles querem acrescentar muito etanol para baratear a gasolina e não percebem que, dessa forma, estão incentivando tanto a transposição quanto a usina elétrica de Belo Monte, que têm como finalidade última justamente a produção de cana de açúcar para o etanol. Então, embora sejam diretamente contrários a esses projetos, são indiretamente a favor. Isso é um colonialismo moderno.

7. Neste ano de 2011, os freis dominicanos celebram os 500 anos do famoso “grito” de frei Antônio de Montesinos contra a escravidão dos índios das Américas. O senhor falou de suas greves de fome como de um “grito diante da postura surdo muda do governo”... às vezes é preciso gritar...

Só assumimos essa greve, ou melhor, essa “oração e jejum”, em 2005, depois que se esgotaram todas as tentativas de diálogo com o Governo Federal que nunca quis debater o projeto. Havia uma decisão autoritária, imposta, como acontece atualmente em relação a Belo Monte. É o mesmo processo: a sociedade civil não está sendo ouvida, as nações indígenas não estão sendo ouvidas. Então, quando havia a data para o início das obras e percebemos que não havia espaços para o diálogo, nós optamos pela greve de fome, que foi uma decisão muito dura, muito pesada, muito exigente, baseada na fé. Racionalmente uma greve de fome é uma loucura, um atentado, e só tem sentido dentro de uma visão de fé quando a gente realmente acredita em Jesus que é Bom Pastor e que pede que os pastores como ele, se for necessário, dêem a vida para seu povo. Então é a fé que justifica uma postura radical de jejum e oração, pois é uma temeridade, uma loucura. Nesse sentido, foi realmente um grito desesperado contra a insanidade humana de realizar um projeto dessa envergadura. E atingiu seu objetivo, no sentido de sensibilizar a sociedade civil, os movimentos sociais sobre a insanidade do projeto.

Depois disso, diante da continuidade da postura autoritária do governo, houve um segundo grito que durou 24 dias. Um Davi contra Goliás. Não que a sociedade civil seja fraca, mas não é ouvida, e o governo se faz de cego, surdo e mudo diante do clamor do povo brasileiro.

8. O senhor é frei franciscano. De que forma a fé cristã e, de maneira específica, a herança franciscana contribui em seu engajamento pela causa dos ribeirinhos e da preservação do planeta?

A vocação de São Francisco de Assis se caracteriza pelo amor apaixonado pela pessoa de Jesus, pelo amor apaixonado pelos pobres e pelo amor apaixonado pela vida, pela natureza. É isso que caracteriza a vocação franciscana. E é por isso que quis ser franciscano. Há quem dizia “ele quer se suicidar”. Não, eu tenho um profundo amor à vida, eu quero viver, mas não quero viver sozinho, eu quero viver com meu povo. Quero “que todos tenham vida, e vida em abundância”. Seguindo o Evangelho, não quero vida só para mim, eu quero vida para todos os que fazem parte da minha vida. Eu sou pastor de um povo e quero vida para meu rebanho. Sou bispo da Igreja e meu povo é o povo do nordeste. Além disso, a Igreja pediu que os franciscanos fossem guardiões do meio ambiente, da vida, dos pobres. Eu procuro como pastor franciscano, como bispo franciscano realizar a missão que a igreja me pede: cuidar do meu povo, cuidar dos pobres, cuidar da vida e, portanto, do que é condição para a vida do povo: o nosso velho Chico.

9. Enfim, em sua opinião, quais as consequências sociais e ecológicas da transposição?

As consequências da transposição do Rio São Francisco são imprevisíveis. Quem sobrevoar hoje o nordeste pode ver os canais da transposição, a agressão ao meio ambiente, sobretudo no que diz respeito ao desmatamento, à construção de várias barragens. Para garantir a energia, estão pensando até em usinas nucleares. Com o tempo percebemos cada vez mais o absurdo que isso vai criar para o meio ambiente.

O que eu tenho dito, sobretudo no exterior, é que hoje o Governo Brasileiro está investindo milhões em projetos totalmente ultrapassados. Enquanto a Europa e os demais países do primeiro mundo estão investindo na energia solar e eólica, nós ainda estamos desmatando, destruindo florestas. Hoje a Europa não sabe o que fazer com suas usinas nucleares e o Brasil pensa em optar pelo nuclear. São absurdos. Por isso sempre digo que o projeto da transposição ou de Belo Monte estão indo na contramão da história. Enquanto outros países buscam tecnologias limpas para produzir energia, nós estamos realizando obras utilizando tecnologias totalmente ultrapassadas e investindo bilhões. A história vai julgar essas opções e as consequências irão aparecer. Vemos hoje esses desastres ecológicos [na época da entrevista, janeiro de 2011, ocorreram enchentes no Rio

de Janeiro e Santa Catarina]: são frutos da irresponsabilidade humana. A chuva não traz malefícios. É a irresponsabilidade humana da gestão pública que gera essas consequências funestas. Com o tempo vamos ser testemunhas da resposta que a natureza vai dar a essa irresponsabilidade humana. Tem um ditado que diz: “Deus perdoa sempre, o ser humano de vez em quando, a natureza não perdoa nunca”. Se hoje você agride, com o tempo a resposta vem.

10. Ainda há esperança?

Talvez esta seja a pergunta mais importante. *A esperança não pode morrer.* Diante de todos os absurdos que o capitalismo selvagem realiza, diante dos absurdos que os grandes interesses econômicos impõem sobre a sociedade, sobre a natureza, sobre a vida, a esperança jamais pode morrer. E nós acreditamos, em primeiro lugar, no bom senso: deve chegar o momento em que se diz “basta”. E nós queremos acreditar também na força do povo, que diante das imposições de governos autoritários como o nosso, saiba também dizer “basta”. Acreditamos também no tempo como juiz da verdade, aquele que mostra com toda clareza o que está certo e errado. Mas confiamos também na fé que temos na vida, no povo e na presença do Deus da história e dos pobres que jamais nos abandonará. Sou um homem de esperança.